

Credor já admite 'spread zero'

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Alguns dos maiores credores do Brasil já estavam aceitando uma rolagem ortodoxa da dívida, a **spread zero**, segundo revelou um banqueiro, ontem, dizendo-se "surpreendido", mas pedindo para não ser identificado. "Conversei com banqueiros, nestes dois últimos dias, que admitem sofrer algum prejuízo para evitar o pior" — contou o banqueiro.

Seriam representantes de bancos grandes? Ele respondeu, numa entrevista feita por telefone: "Membros do comitê de bancos credores. Não muitos. Alguns. Há um mês estavam muito irritados com o Brasil.

Agora, aceitam o princípio de um prejuízo, mas não substancial. Aceitariam papéis que não lhes dessem tantos resultados no futuro".

Mesmo com **spread zero**?, perguntei. "A taxa zero pode-se tornar uma boa idéia, desde que esse zero, que significa 6 a 7%, a taxa da libor, seja pago".

Que papéis seriam esses? Os **exit bonds** de que o ministro Bresser Pereira falou ao sair do encontro com o secretário do Tesouro, James Baker III? "Papéis com uma taxa libor seca (sem o **spread**) que poderiam ser usados na troca por ativos no Brasil."

Este banqueiro, que em outras ocasiões demonstrou ser uma fonte segura, ainda disse a **O Estado de S. Paulo** e ao **Jornal da Tarde**: "Hoje

(ontem) eu tive a confirmação de que os bancos, em geral, não estão querendo adotar numa posição de repulsão, ou mais dura. Querem negociar em termos mais amplos. E prezam muito o Brasil como um grande mercado. Não querem ficar de fora, quando a crise, que é temporária, estiver superada".

Ele descarta que uma das razões para essa "surpreendente" disposição de alguns dos grandes bancos seja o endurecimento argentino, com a recente vitória peronista, que está preocupando o governo norte-americano. "São dois casos diferentes, e o Brasil perdeu a oportunidade de tirar dividendos com a virada na Argentina por causa do desastroso encontro entre o ministro Bresser Pe-

reira e o secretário James Baker".

Esta é uma opinião compartilhada também por um consultor de grandes bancos norte-americanos, o professor Riordan Roett, da Universidade Johns Hopkins: "Será muito difícil que se forme um clube de devedores", disse.

O professor Roett, na semana passada, numa entrevista concedida a **O Estado de S. Paulo** e ao **Jornal da Tarde**, disse que o encontro entre o ministro Bresser Pereira e o secretário Baker "mudaria os rumos da negociação", então sob o impacto do anúncio do novo plano brasileiro.

A sua avaliação para o próximo encontro do Brasil com seus credores,

no dia 25, é mais pessimista do que a dos banqueiros que já admitem concessões como a da rolagem da dívida com **spread zero**: "Infelizmente", diz ele, "o ministro e seu time avaliaram muito mau o clima em Washington e dentro da comunidade bancária. Fizeram uma proposta impossível, inaceitável, e isto enfraqueceu a posição de negociação do Brasil".

— O sr. acha que para que as negociações comecem antes do dia 26 de outubro, quando o Brasil pode ser reclassificado e rebaixado, será preciso seguir o caminho convencional? "Negociação indica negociações", disse, "é preciso sentar na mesa e ter um espaço político para que se possa negociar".